

POLÍCIA JUDICIÁRIA

Directoria de Lisboa e Vale do Tejo
Unidade de Investigação Criminal

DECLARAÇÃO DE TESTEMUNHA

Testemunho n.º 010/2024 — Depoimento Voluntário

Processo: 2847/2024

Testemunha: Carla Sofia Ribeiro Mendes

Profissão: Estudante de Psicologia

Ligaçao: Ex-residente (1995-2001)

Data: 10 de Dezembro de 2024

Hora: 10:00

Local: Esquadra de Sintra
(a pedido da testemunha)

DEPOIMENTO VOLUNTÁRIO — A testemunha contactou a PJ após saber das mortes pelas notícias. Apresentou-se disposta a declarar sobre a sua experiência no orfanato há 23 anos.

IDENTIFICAÇÃO

Nome:	Carla Sofia Ribeiro Mendes
Idade:	31 anos
Profissão:	Estudante de Psicologia
Naturalidade:	Desconhecida (abandonada à nascença)
Residência:	Lisboa
Ligaçao ao orfanato:	Ex-residente (1995-2001), fugiu aos 8 anos

DECLARAÇÃO

Esperem 23 anos para alguém me perguntar o que acontecia naquela casa. 23 anos.

Estou pronta para falar.

Sobre o tempo no orfanato (1995-2001):

Cheguei bebé. Não conheci outra vida. O orfanato ERA a vida.

E a vida era... sobreviver.

Acordar. Obedecer. Não fazer perguntas. Não chorar. Não reagir. Sobreviver mais um dia.

[Quando questionada sobre abusos específicos:]

Não vou dar detalhes. Não porque não queira — porque não consigo. Há coisas que guardei numa caixa na minha cabeça e essa caixa não abre.

Mas posso dizer isto: a “disciplina” não era disciplina. Era tortura.

A “**cela de reflexão**” era um armário escuro onde crianças de 5, 6, 7 anos eram fechadas durante horas. Sem luz. Sem comida. Sem casa de banho.

As “**porções especiais**” significavam não comer. Crianças a passar fome como castigo. E havia outras coisas. Piores. Que não vou descrever.

Sobre as pessoas:

A Madre Superiora Francisca já lá estava quando eu cheguei. Era ela que mandava. Tudo passava por ela.

A Irmã Conceição era a “educadora”. Parecia simpática mas era fria por dentro. Tratava-nos como objectos.

A Irmã Beatriz era... a executora. Quando ela aparecia, sabíamos que alguém ia sofrer.

A Irmã Carmo chegou em 2001, pouco antes de eu fugir. Não a conheci bem.

O Manuel e a Rosa eram os únicos humanos naquela casa. Os únicos.

Sobre a fuga (2001):

Uma noite, estava de castigo no corredor. Era habitual.
Vi uma menina. Cabelo escuro. Vestido molhado.
Perguntei: "Também estás de castigo?"
Ela não respondeu. Só apontou. Para o portão.
Na manhã seguinte, o portão estava aberto. Havia uma mochila com comida junto à porta.
Corri. Não olhei para trás. Cheguei à esquadra de Sintra. Um guarda acreditou em mim.
Tinha 8 anos.

Sobre a menina molhada:

Durante anos pensei que era uma órfã. Uma criança real.
Depois, anos mais tarde, descobri a história da Sofia. Morreu em 1987. Afogada na cave.

14 anos antes de eu a ver.

[Pausa]

Vocês não vão acreditar. Eu também não acreditaria. Mas aquela casa tem memória.

A Sofia salvou-me. Mostrou-me a saída. Não sei porquê eu.

Sobre as mortes das freiras:

Quando soube, a minha primeira reacção foi: "Finalmente."
Não estou orgulhosa disso. Mas é a verdade.
Aquelhas mulheres batiam em crianças. Fechavam-nas em armários. Deixavam-nas passar fome.
E quando uma morria, era "acidente".

João, 1973. Sofia, 1987. Miguel, 2008.

Três "acidentes" em 64 anos. Mais quantos que não sabemos?

[Tom mais baixo:]

Eu sabia que um dia alguém ia morrer naquela casa. Só não sabia que iam ser elas.
Se me perguntam se estou triste... não. Não estou.
E isso assusta-me um bocado.

Sobre o que acha que aconteceu:

[Silêncio longo]

Vocês não vão escrever isto no relatório oficial. Mas eu vou dizer na mesma.
Acho que foram eles. As crianças. João, Sofia, Miguel.
Não sei como. Não sei os detalhes. Mas acho que esperaram. Anos. Décadas.

E finalmente conseguiram justiça.

Não me peçam para condenar isso. Não consigo.

FIM DA DECLARAÇÃO

Carla Sofia Ribeiro Mendes

Sintra, 10 de Dezembro de 2024

OBSERVAÇÕES DO INVESTIGADOR

Testemunha credível. Articulada, directa, emocionalmente controlada.

- Confirma sistema de abusos sistemáticos (armário, fome, violência)
- Confirma que Manuel e Rosa ajudavam crianças
- Relata encontro com "Sofia" em 2001 — 14 anos após a morte
- Fuga facilitada por portão aberto e comida (Manuel? Rosa?)
- Perspectiva de que as mortes são "justiça"

O relato do encontro com Sofia é consistente com outros testemunhos. Uma criança de 8 anos não inventaria isto.

Esta testemunha pode ser crucial para estabelecer o padrão histórico de abusos.

Documento classificado como: TESTEMUNHO — FASE 2

Código de verificação: CAR-010